



Arte original: Gláucia Nagem –“ Falatório 2” / Concepção e arte do cartaz: Maurício Simões / Web Designer: Ilana Chaia Finger

### *Prelúdio 7*

### *Aggiornamento*

Ao final de seu Argumento, no qual nos convida a nos reunirmos em São Paulo, em julho de 2026, Colette Soler sugere que o trabalho a ser ali realizado terá a natureza de um *aggiornamento*.

Podemos perguntar: por que um *aggiornamento*?

E o que isso implica?

Seu significado usual é o de “uma atualização”, por exemplo, de uma teoria, de uma prática ou de uma instituição. De modo significativo, a palavra é preservada em seu italiano original, evocando uma associação ao Vaticano II, cujo objetivo era o de promover a modernização da Igreja Católica. Para eles, o que estava em jogo era nada menos que a própria existência.

Talvez possamos encontrar uma questão existencial no que Lacan descreve em 1969, no *Compte Rendu* de seu Seminário sobre O Ato Psicanalítico. Ali ele fala de “toda uma doutrinação, psicanalítica por título”, no interior da IPA, uma atribuição de títulos hierárquicos sem garantia. E a razão que ele aponta: o fato de se ignorar e de não se estar

ainda “em dia” com o ato psicanalítico.<sup>1</sup> Esse tipo de ameaça à psicanálise é fácil de verificar em lugares onde “subtipos de psicanálise” (relacional, contemporânea, psicologia do eu, psicologia do *self*) se enraizaram.

Daí a importância fundamental de avançarmos o saber sobre o ato psicanalítico, condição *sine qua non* para a práxis que pode ser chamada de psicanálise, que *seja* psicanálise.

O trabalho contínuo da Escola, com seus seminários, encontros e carteis, possibilita esses avanços e o faz em relação à questão existencial.

Por exemplo, o conceito de neutralidade, introduzido por Freud em vários contextos, revela-se inadequado para descrever a posição do analista à luz do ato. Mesmo quando definido como a não substituição da verdade do analista pela do analisante, não dá conta da função do analista, sua função enquanto semblante de objeto *a*. São necessários novos significantes, adequados à função de analista, significantes como a abnegação e o silêncio do analista, como desenvolvidos por Colette Soler em seu livro, *Uma clínica da exceção*,<sup>2</sup> significantes capazes de se aproximar mais no que concerne ao ato.

Ao nos prepararmos para nos reunir em São Paulo, para um trabalho que pode ter a natureza de um *aggiornamento*, não haveria algo mais a considerar, relativo à nossa abordagem desse trabalho?

Na clínica, estamos habituados a escutar o discurso do analisante a partir de uma posição de não-saber, de recuo, de estar “com tudo a aprender”,<sup>3</sup> com nossas próprias verdades suspensas e nossos próprios gozos renunciados.

Em nossos eixos temáticos, no tocante a um conceito que não pertence nem a Freud nem a Lacan, a saber, a “neutralidade benevolente” de Edmund Bergler, somos orientados a ler, não a sua teoria, mas a estarmos abertos às alusões, ao que “está em jogo”.

No trabalho de interrogar nossa ética e as outras, para estarmos em dia com o ato, não seríamos convocados a algo dessa ordem?

Devra Simiu  
Washington D.C., 20/03/26

---

<sup>1</sup> Lacan, Jacques. (2001) “O Ato psicanalítico”, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 372. [Com modificações]

<sup>2</sup> Soler, Colette. (2022). *Une clinique d'exception*. Paris: Éditions Nouvelles du Champ lacanien.

<sup>3</sup> Grosman, Adriana. (2026). “On the act: Not-knowing about the act”. London Forum International Seminar of the School. February 22, 2026. Ainda sem publicação.